



Pardal Marrano

Vitoria dos Santos Turquenitch*

Curitiba, Brasil

vsturquenitch@gmail.com

Eu caminho,
em busca do meu ninho.
Esse vento soprando,
entre meus ouvidos, continua assobiando.

Eu caminho, sem direção,
carregando o peso da Inquisição.
O vento sopra, meu nome some,
silêncio imposto, prece sem nome.

O Sol não está mais acordado.
Ouço cantos diferentes dos meus.
Onde está o meu galho herdado?
O céu—não seria isso uma obra de Deus?

Ouço vozes, não são as minhas,
são lamentos, sombras sozinhas.
Onde está meu galho herdado?
O céu me pesa, está fechado.

Sob o olhar de cruzeiras erguidas,
sou estrangeiro em terras perdidas.
O sol se esconde, a praça arde,
chamas consomem o que me guarde.

Sei que um dia tive um lar,
mas dele só resta o medo de amar.
Nome trocado, rosto escondido,
pecado imposto, medo contido.

O sol se apagou nas praças,
onde a lenha crepitava,

* Graduada em Letras: Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) e em Secretariado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestranda em Contabilidade na Universidade Federal do Paraná (UFPR).



e corpos se tornavam cinzas.
Ouvi chamarem meu sangue de impuro,
vi nomes riscados de livros e lápides,
vi sombras carregando sambenitos
em procissões de vergonha.

Se minha raiz foi cortada,
se minha história foi apagada,
sou árvore ou sou cinza?
Mas no vento, sigo, sem sabe aonde vou.
O voo não cessa, nem sei quem sou,
sou cinza, sou eco, sou quem restou.

Enviado em: 10/03/2025

Aprovado em: 30/04/2025